



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

KHELLEN CRISTINA PIRES CORREA SOARES

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-630

Entrevistado: Khellen Cristina Pires Correa Soares

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Universidade Federal de Minas Gerais

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 20/11/2015

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 18 minutos e 05 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional; O lazer na sua trajetória; O Programa Esporte e Lazer da Cidade; Preparação para atuar como formadora; Planejamento e formação de agentes sociais; Organização de atividades; Visitas aos núcleos; Resultados; Fim do convênio; Lazer e políticas públicas; Avaliação do Programa Esporte e Lazer da Cidade.

Belo Horizonte, 20 novembro de 2015. Entrevista com Khellen Cristina Pires Correa Soares a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Bom dia Kellen, eu agradeço a tua disposição em nos ceder a entrevista e eu queria que tu iniciasse falando um pouco da tua formação.

K. S. – Então, eu sou formada em Educação Física pela Escola Estadual de Educação Física de Goiás - ESEFGO, fiz Mestrado em Educação, mestrado uma parceria entre duas instituições: a Universidade Estadual de Goiás e a Universidade de Havana, então, o mestrado foi em Educação e depois fiz uma Especialização em Gestão Pública que é uma área que eu me interesse e estou fazendo agora... Eu sou doutoranda em Estudos do Lazer aqui na UFMG¹.

J. K. – Certo! E como que a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

K. S. – Na verdade o lazer ele está inserido desde a infância assim, nos saberes que são construídos no meu cotidiano porque eu tenho uma história um pouco diferente das meninas do grupo de formadores, porque eu cresci em uma zona rural. Eu morava em uma fazenda, assim, no antigo norte de Goiás, Estado de Goiás e, então, a minha infância foi muito ligada à natureza, ao mato, ao banho de rio, a subir em árvore, a brincar de... A manga é o cavalinho, o meu imaginário era com... O meu imaginário girava entorno do que eu tinha ao meu redor, então, aos seis anos eu voltei para morar em Goiânia, eu nasci em Goiânia fui para lá e aos seis anos eu voltei para morar em Goiânia, daí eu tive esse contato já com o brincar na rua, onde eu morava as pessoas tinham muito hábito a valorização da rua, então, na nossa rua a gente tinha... A gente fechava para brincar, a *gente mesmo* as crianças pintavam amarelinha, pintavam caracol, garrafão, muitas vezes eu me lembro de a gente fazendo isso, então jogava queimada, voleibol. Aí vai crescendo vai mudando, mas assim muito de brincar na rua, apropriação da rua mesmo, então salve latinha era uma coisa que a gente adorava, elástico, então essas brincadeiras, depois o voleibol, depois vai

¹ Universidade Federal de Minas Gerais.

crescendo a gente fazia quadrilhas, a gente fechava a rua também, então, passavam meses ensaiando fazia uma festa de quadrilha. Essa apropriação da rua do espaço da rua e da coletividade, sempre construindo com o coletivo que está ali da comunidade, isso também era muito legal, porque tudo o que... Porque a gente se organizava para fazer, então, quando ia pintar, como que a gente conseguia a tinta, então a gente ia atrás da tinta, para fazer a festa junina, como que a gente se organizava, tinha toda essa parada. E depois a gente vai crescendo também ficando mais velho, na verdade, e vai mudando um pouco essa história do lazer e das experiências de lazer... Depois, já na Universidade, eu já estava no campo de cá, do fazer, do ajudar a construir o processo educativo mesmo, então, eu trabalhei em Colônia de Férias sempre; trabalhava em Colônia de Férias, tinha um grupo de recreação que trabalhava em festas infantis, prestava serviços de recreação para várias empresas e assim bem nessa *vibe* e também de forma acadêmica a gente se aproximou muito, porque eu fazia parte do Movimento Estudantil e ao fazer parte do Movimento Estudantil, a gente também teve contato com o lazer porque alguns dos estudiosos estavam conosco nesse momento do movimento e isso também veio já com esse olhar mais acadêmico, do estudo do lazer. E isso também foi muito interessante, posteriormente, aí quando eu já me formo, vou para o mercado de trabalho eu tive possibilidade de trabalhar em projetos sociais, projetos que me davam essa vivência e espaços e, inclusive, com comunidades hoje que eu desenvolvo trabalhos, são comunidades indígenas, quilombolas, com grupos específicos como os idosos.

J. K. – E como tu chegou a conhecer o PELC²?

K. S. – O PELC eu trabalhava na gestão da Secretaria de Esportes no Estado de Tocantins, onde eu moro hoje e, ao trabalhar na gestão, a gente chegou a organizar as Conferências de Esporte, veio uma técnica do Ministério³ e ela... A gente conversando ela falou do programa, falou que ia ter um processo seletivo se eu me interessava em participar, e aí eu me interessei, então em 2007 eu entrei para trabalhar como formadora do PELC.

J. K. – E como tu iniciou o teu envolvimento com o PELC?

² Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

³ Ministério do Esporte.

K. S. – Então, em 2007, porque depois que ela me falou da possibilidade, ela disse de uma formação que iria ter, se eu me interessava em participar para conhecer. E foi isso que eu fiz em 2007: eu participei dessa formação de formadores e a partir daí comecei a trabalhar como formadora.

J. K. – E como que ocorreu a tua preparação para ser formadora?

K. S. – O que acontece já nesse momento dessa formação: a gente teve contato com as diretrizes, com os objetivos, qual era a proposta de trabalho e nesse momento para além dessa discussão das diretrizes do Programa, como se dava o trabalho. A gente teve muitos relatos de experiências, então, o grupo de Belém era um grupo grande na época, eles já vinham fazendo trabalhos diferenciados e eles trouxeram as experiências deles, então, a gente pode conhecer como se dava mesmo a formação e também o pessoal do Sul que eles trouxeram também as experiências, também era um grupo grande. Eles trouxeram as experiências e foi a partir daí que eu comecei a entender a proposta e solidificar porque lá a gente discutia mesmo, como se dava a proposta de formação, como se dava execução dessa proposta.

J. K. – Sim, e tu já chegou a atuar no PELC Todas as Idades e no PELC para Povos e Comunidades Tradicionais?

K. S. – Sim, no PELC Todas as Idades, Vida Saudável e Povos e Comunidades também.

J. K. – Dos três!

K. S. - Dos Três!

J. K. – E há alguma diferença nesse planejamento e na formação para cada um deles?

K. S. – Na verdade todo o convênimento é uma especificidade diferente, mesmo que seja PELC Todas as Idades, em municípios diferentes a gente sempre tem que analisar a especificidade, então, a gente faz contato com a instituição, vê quais são as características locais o tamanho do município, a cultura local, a gente faz uma pesquisa. Por exemplo, eu

tenho o hábito de ir na internet buscar imagens do município, imagens do que é de cultura daquele município, ver se tem produção de artesanato. Porque tudo isso eu utilizo de material durante a formação, que eu já entendo que ali já tem alguma coisa e também já... E também fazendo um “link” com eles e assim também quando vou para uma Comunidade de Povos Indígenas, eu vou estudar sobre aqueles indígenas, quem são, onde vivem, como vivem, então, eu faço essa busca geralmente na internet, às vezes em referenciais bibliográficos quando eu tenho mesmo em casa algumas coisas e trazendo as especificidades daquele grupo, tanto faz se é povos e comunidades, se é de alguma cidade ou se é Vida Saudável, tem que ter o estudo da realidade e da especificidade do grupo.

J. K. – E como tu organizas as atividades de formação do Programa?

K. S. – Como assim?

J. K. – Como tu planeja elas, organiza as atividades?

K. S. – Como que eu organizo?

J. K. – Isso!

K. S. – Então, a proposta de formação ela é feita primeiro respeitando primeiro o que é proposto enquanto diretriz e objetivo, então, quais são as diretrizes, quais são os objetivos e a partir daí quais são os conteúdos a serem trabalhados em cada módulo. A partir daí estabelece, eu vou pensando as atividades, geralmente eu gosto muito de fazer de forma dinâmica, então, eu não fico só focada em “slides”, eu tento trazer possibilidades que eles experimentem ou por uma sensibilidade maior ou passando pelo corpo enfim. Eu exploro muito assim, faço desde danças circulares à desenhos, pinturas, elaboração de cordel de música e visitas técnicas. Então, para que eles possam identificar a realidade deles, primeiro... Geralmente eu faço assim: um diagnóstico do que eles já sabem com atividade de recorte, de pintura... E o que eles já sabem? A partir do que eles já sabem a gente vai traçando esse caminhar da proposta de formação.

J. K. – E tu comentou sobre as visitas aos núcleos, como são realizadas essas visitas técnicas e as visitas pedagógicas?

K. S. – As visitas técnicas a gente vai com o intuito de conhecer o local, verificar desde o espaço, ter um diálogo por vezes com a comunidade e geralmente a gente prepara os agentes antes, com uma guia que a gente tem que a gente utiliza, então, dizendo da intencionalidade daquele movimento: nós temos uma intenção ao ir visitar, não é só chegar lá: “Tudo bem, oi núcleo, beijo e tchau”. Não. Qual é a intenção de ir visitar? E aí a gente tem uma guiazinha com perguntas que eles vão ter que estabelecer um olhar, para depois a gente voltar e discutir, então assim, para além do olhar é... Superficial a gente busca que eles estabeleçam um olhar diferenciado e, principalmente, se a gente estiver oportunidade conversar com a comunidade local ali, para verificar se eles estão sabendo que ali vai chegar um programa, o que eles desejam desse programa, para trazer elementos para discutir com os meninos.

J. K. – Então tu insere outros temas nas formações do grupo que tu atua?

K. S. – Como?

J. K. – Tem alguns temas que se tornam obrigatórios, e também são inseridos outros temas além desses?

K. S. – A partir da necessidade deles, por exemplo, têm comunidades... Por exemplo, a gente veio de uma agora, que eles gostariam muito de saber mais sobre pessoa com deficiência, e aí a gente tenta dentro das nossas possibilidades discutir mais sobre isso e até lançar para eles desafios de estar buscando também profissionais do município que lidem com pessoas, com grupos diferenciados, pra trazer essa formação e também, por exemplo, tem municípios que lidam muito com a violência, então, estratégias para lidar com a violência ou com a diversidade mesmo, com minorias raciais. De repente têm alguns temas que a gente vai lançando de acordo com a realidade que vem apresentar, isso talvez não está nem na proposta de formação porque surge a partir de uma demanda ali durante a formação.

J. K. – E que resultados tu consegue observar dos agentes e no núcleo ao longo das formações que são realizadas?

K. S. – Olha, tem uma coisa que eu acho que é assim, é muito... São vários fatores, quando a gente vai para uma formação a gente sempre está na expectativa que os agentes se envolvam, então, nossa expectativa e nosso comprometimento é de que aquilo ali vai dar certo. Mas a gente precisa do retorno, então, a primeira coisa é esse envolvimento do grupo com a proposta; eu sempre procuro nesses primeiros momentos provocar o encantamento pelo Programa, até mostrando que nós estamos enquanto formadores envolvidos com o Programa, não à toa porque, justamente, a gente entende e acredita que seja um programa diferenciado, com uma proposta diferenciada. Eu tento provocar esse encantamento para que esse encantamento perdure durante todo o convênio. Mas, a gente vai entendendo também que esse desenvolvimento, assim, um bom desempenho, um bom desenvolvimento, depende muito da organização deles. Por exemplo: o coordenador é uma figura muito importante, tem um papel muito importante, porque ele vai estar ali motivando o grupo todo o momento, sendo responsável pela formação em serviço, então, os núcleos que fazem a formação em serviço certinho que tem um momento de planejamento. A gente vê que é um grupo diferenciado, que eles conseguem sim ter sucesso nas atividades, que eles conseguem ter um diálogo efetivo no grupo, que eles conseguem se mobilizar, então assim, a organização do coordenador junto com os seus agentes nesse momento de estar realmente fazendo planejamento e a formação em serviço, eu considero como pontos fortes. E o segundo ponto que eu acredito que traga muito sucesso é o planejamento participativo junto com a comunidade, trazer a comunidade para discussão... Se eles conseguem mobilizar a comunidade, também é uma questão que eu acho muito importante.

J. K. – E ocorre algum tipo de acompanhamento dos núcleos após o fim do convênio?

K. S. – Após, o *fim* do convênio?

J. K. – Isso!

K. S. – O que acontece... Eu *particularmente*, eu acho que eu só tenho acompanhado, assim contato, acompanhar, acompanhar vai ser todo o mês, durante o convênio a gente faz o acompanhamento via “e-mail”, às vezes por telefone. Agora eu tenho um município que é no interior de Goiás que, na verdade, ele não terminou o convênio, eles conseguem... Vão conseguindo renovar, eles conseguiram já renovar, mas é um município que eu vi uma mudança muito grande, a gente estreitou laços e sempre tem o contato, tem outro que é da UNIRG⁴, mas geralmente a gente depois de terminar o convênio são poucos que a gente estreita laços para continuar depois o conveniamento.

J. K. – E tu consegue perceber que os núcleos tem obtido algum êxito, assim, no processo de municipalização?

K. S. – Sim. Alguns sim. Esses grupos, como eu disse algum tempo atrás aí, os grupos que conseguiram se organizar com planejamento, formação em serviço e, principalmente, organização da comunidade, eles conseguem provocar essa sensibilidade dos gestores, dos representantes políticos para continuidade. Eu também venho de um município semana passada que eles já fizeram concurso público garantindo profissionais que deem continuidade no trabalho e eles só vão encerrar em *outubro*, mas eles se prepararam. Então a gente tenta já falar de municipalização no primeiro encontro, hoje não. A gente já fala no primeiro encontro, pois eles têm que entender que tem um final e que a continuidade vai depender da organização do município.

J. K. – Certo! E que pontos tu identifica que devem ser melhorados no Programa, se tem algum ponto que tu acredita?

K. S. – Sim! Na verdade eu acho que sempre a formação em serviço é um gargalo porque depende muito, como eu disse, do coordenador pedagógico, dessa motivação dele, dessa vontade dele de fazer dar certo, então, a formação em serviço eu acredito que seja um ponto a ser melhorado. Um outro processo que eu acho que deva ser melhorado é o envolvimento da comunidade de forma efetiva mesmo, envolvida no planejamento, nas decisões, então essa organização da comunidade acho importante e um terceiro

⁴ Centro Universitário de Gurupi.

movimento, é a compreensão desse processo dessa possibilidade de municipalização, isso ainda é uma prática recente a gente já faz isso, mas nesse sentido de estudar desde o princípio desde o primeiro módulo ainda isso é recente, então, eu acho que merece amadurecimento nosso do grupo todo, como um todo.

J. K. – Certo! Teria alguma coisa que tu gostarias de compartilhar que eu não te perguntei?

K. S. – Acho que talvez, dizer mais das formas de conveniamento que eu acredito que seja interessante ser destacado que, para gente atingir os Povos e Comunidades Tradicionais, há necessidade de um olhar diferenciado nas formas de conveniamento, porque da forma como vem sendo feita é difícil alcançar-se o pleito... Terminar e efetivar essa parte de fechar o convênio mesmo, assim, para o início da execução e sempre entendendo que não é só conseguir garantir o recurso, mas o acompanhamento é diferenciado na forma de prestação de contas, de orientação, então assim, a gente fala dessas possibilidades de atender a diversidade, mas realmente nós temos que nós preparar para atender, porque todo o processo é em cima da diversidade, entendeu?

J. K. – Sim!

K. S. – Então acho que é isso!

J. K. – Então, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte, muito obrigada!

K. S. – Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]

